

## SEXUALIDADE INFANTIL, PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO SEXUAL EMANCIPATÓRIA NA ESCOLA

### CHILD SEXUALITY, PSYCHOANALYSIS, AND EMANCIPATORY SEX EDUCATION IN SCHOOL

Juliane Fontana Ribeiro<sup>1</sup>  
Giseli Monteiro Gagliotto<sup>2</sup>

Submetido em: 02/08/2022  
Aprovado em: 02/08/2022  
Publicado em: 05/08/2022  
DOI: 10.51473/rcmos.v2i2.332

#### Resumo

Trata-se de um estudo qualitativo e bibliográfico, o qual pretende apresentar a temática da sexualidade infantil, investigar e destrinchar o conceito de sexualidade para a psicanálise. Para tanto, objetiva-se iniciar com os estudos sobre a histeria em Sigmund Freud e avançar na obra dos Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade, no que se refere às contribuições do conceito de sexualidade infantil para os tempos atuais. Além disso, inclui-se uma discussão necessária sobre as articulações possíveis com o campo da Educação Sexual, a partir de um breve percurso histórico, até os atravessamentos atuais em torno da concepção emancipatória do educar e dos retrocessos políticos e sociais. A sexualidade freudiana amplia as leituras biologizantes e inclui a dimensão afetiva-pulsional do corpo, ao qual podem articular-se com o campo educacional. Os desafios da escola na pós-modernidade são complexos e convocam a interrogar a concepção emancipatória da educação. Neste sentido, faz-se necessário pensar como a psicanálise e a educação podem atuar conjuntamente frente à maquinaria neoliberal. Para tanto, uma constante atualização psicanalítica com vistas a emancipação, podem contribuir com um caminho na contramão da cultura, bem como fez Freud em seu tempo. Como proposta, uma educação que possa abrir espaço para a escuta, o desejo e as diferenças entre os sujeitos.

**Palavras-chave:** Educação emancipatória. Educação sexual. Psicanálise. Sexualidade infantil.

#### Abstract

This is a qualitative and bibliographic study, which intends to present the theme of infant sexuality, investigate and unravel the concept of sexuality for psychoanalysis. Therefore, the objective is to start with the studies in hysteria by Sigmund Freud and proceed in the work of the Three Essays on the Theory of Sexuality, with regard to the contributions of the concept of infant sexuality in the current times. Moreover, a necessary discussion is included on the possible articulations with the field of Sexual Education, from a brief historical tour, to the current crossings around the emancipatory conception of education and the political and social setbacks. Freudian sexuality expands the biologizing readings and includes the affective-drive dimension of the body, which they can articulate with the educational field. The schools challenge

1 Juliane Fontana Ribeiro é Mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – Campus de Francisco Beltrão/PR. É especialista em Psicoterapia de Orientação Psicanalítica (2019) pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó – UNOCHAPECÓ/SC. É graduada em Psicologia (2016) pela Faculdade de Pato Branco – FADEP/PR. Psicanalista em formação pela Associação Livre Centro de Estudos em Psicanálise – ALCEP/PR. Docente no Centro Universitário Mater Dei (UNIMATER) - Pato Branco/PR. Membro do LABGEDUS: Laboratório e Grupo de pesquisa “Educação e Sexualidade”, cadastrado no diretório dos Grupos de Pesquisas do CNPq. Participante da linha de pesquisa “Estudos e Pesquisas Psicanalíticas e Educacionais sobre Infância, Sexualidade e Educação Sexual e sua importância para a Formação Docente”. Membro do Projeto de Extensão Entre a Educação, a Cultura e a Psicanálise: Diálogos (Im)Pertinentes.

1

2 Giseli Monteiro Gagliotto é Pós-Doutora em Psicologia (2015) pelo Observatório da Sexualidade da UNIDEP, no Departamento de Ciências Sociais e do Comportamento, do Instituto Universitário da Maia-Portugal. É Doutora em Educação (2009) pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP/SP. Psicanalista e Membro Fundadora do Movimento Lacaneano do Centro Oeste do Paraná- Irati/PR. Docente na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Campus de Francisco Beltrão. Doutora em Educação. Líder do (LABGEDUS) Laboratório e Grupo de Pesquisa “Educação e Sexualidade”, cadastrado no diretório dos Grupos de Pesquisas do CNPq. Coordenadora da linha de pesquisa: “Estudos e Pesquisas Psicanalíticas e Educacionais sobre Infância, Sexualidade e Educação Sexual e sua importância para a Formação Docente”. Coordenadora do Projeto de Extensão Entre a Educação, a Cultura e a Psicanálise: Diálogos (Im)Pertinentes e do Projeto de Extensão GAPAC- Grupo de Apoio Psicológicos aos Acadêmicos da UNIOESTE: À Escuta da Fala.

in postmodernity are complex and call for questioning the emancipatory conception of education. In this sense, it is necessary to think about how psychoanalysis and education can act together against the neoliberal machinery. Therefore, a constant psychoanalytic update with a view to emancipation can contribute to a path against culture, as Freud did in his time. As a proposal, an education that can open space for listening, desire and differences between subjects.

**Keywords:** Emancipatory education. Sex education. Psychoanalysis. Infant sexuality.

## 1 INTRODUÇÃO

Antes de aventurar-se pela teoria da sexualidade na psicanálise, pode-se interrogar o que, afinal de contas, é a sexualidade humana? Como ela se desenvolve? Será possível investigar o nascimento e a evolução da sexualidade na humanidade? Uma vez que se associa sexualidade com humano, vale ressaltar as diferenças da espécie humana com os primatas, os quais, há alguns milhões de anos, evoluíram e se desenvolveram enquanto humanos.

Segundo André (2016), a originalidade da sexualidade humana se dá na disjunção entre sexualidade e reprodução, uma vez que, diferente dos animais, o humano não está submetido, exclusivamente, ao regime instintual. Junto à evolução e diferenciação do humano, em relação ao mundo animal, inaugura-se a linguagem e a atividade simbólica. A linguagem, própria do humano, não parece ter início, meio e fim, e ser ordenada de modo lógico, previsível ou imutável; ao contrário, desdobra-se com fluidez em determinada cultura, em determinada época e em determinadas subjetividades.

A sexualidade, em Freud (1905), é um conceito fundamental da psicanálise, que diz respeito à toda vida pulsional e afetiva do ser humano. Desde a maneira pela qual o sujeito se constitui, a sexualidade infantil, os circuitos pulsionais e seus destinos, até o modo como vive, ama ou não ama. Portanto, toda a complexidade pulsional diz sobre a sexualidade humana.

Figueiró (2006), diante da questão sobre o que é a sexualidade, corrobora com a menção citada acima, ao afirmar que:

Sexualidade é uma dimensão ontológica essencialmente humana, cujas significações e vivências são determinadas pela natureza, pela subjetividade de cada ser humano e, sobretudo, pela cultura, num processo histórico e dialético. (p. 42).

Tendo em vista esses conceitos, busca-se entender as transformações, rupturas, avanços e retrocessos que se encontram no campo da Educação Sexual, no Brasil e, em nossa época.

## 2 PERCURSO TEÓRICO DA SEXUALIDADE NA PSICANÁLISE

No final do século XIX e início do século XX, a psicanálise revoluciona os conceitos de sexualidade, de inconsciente e introduz a noção de pulsão para diferenciar do campo do instinto e do biológico; em outras palavras, inaugura o lugar do desejo e do psíquico. Neste sentido, “a primeira revolução da sexualidade é pré-histórica, a segunda é freudiana. A primeira dissocia o sexo e o instinto, a segunda relativiza o genital e faz da sexualidade infantil o centro da sexualidade humana.” (ANDRÉ, 2016, p. 117). Aqui, também cabe a linguagem como expressão viva da pulsão, seja ela posta em narrativas ou fantasiada na consciência e/ou nos conteúdos latentes e manifestos do sujeito inconsciente. A linguagem articulada à pulsão, enfatiza a dimensão plural e aberta da sexualidade. Nesta direção, o presente texto propõe-se brevemente a investigar a sexualidade infantil na psicanálise.

### 2.1 Considerações sobre os estudos da histeria

2

Na obra “Estudos sobre a histeria” (FREUD, 1895-2016), Sigmund Freud e o médico Joseph Breuer, estudam casos de histeria do final do século XIX, e descrevem os mecanismos psíquicos deste fenômeno. Alguns elementos psicanalíticos originam-se nesta época, com a escuta das pacientes histéricas e a mudança do método de investigação. Inspirado em Charcot, Freud usava a hipnose para a remoção dos sintomas histéricos; depois a abandonou, pois observou as limitações desta técnica, a saber, de que nem todos os pacientes eram hipnotizáveis e de que, frequentemente, os

sintomas retornavam. Freud desenvolve, a partir do caso de Emmy von N.<sup>3</sup>, o método da associação livre e inaugura um modo de escutar as queixas dos pacientes; para além do orgânico, da insistência médica e da sugestão, empreende a valorização das palavras e do campo psíquico.

De acordo com Melo e Almeida (2020), esse trabalho de Freud contribuiu para a despatologização da histeria. A partir de Freud, foi possível entender a histeria como um caminho de organização psíquica frente ao desejo e à falta, inerentes ao sujeito, não, meramente, como uma doença.

Freud [1895] (2016), estava preocupado em investigar as relações causais dos sintomas persistentes de seus pacientes neuróticos, questionamentos que não encontram explicações, em sua época, no campo médico. Sintomas como paralisias, contraturas, vômito contínuo, anorexia, tiques, dores no corpo etc., sem causas orgânicas, são escutados por Freud, e encontram conexões com experiências e fantasias da infância. Em alguns casos, o incidente que gerou o fenômeno histórico é evidente, como no exemplo a seguir:

Uma criança gravemente enferma adormece por fim; a mãe concentra toda sua força de vontade em se manter quieta e não a despertar. Devido precisamente a essa intenção, ela produz (“contra vontade histérica”!) um ruído estalante com a língua. Este se repete mais tarde, numa ocasião em que também quer se manter absolutamente quieta, e disso nasce um tique, que, na forma de estalido da língua, acompanha-a por muitos anos, sempre que fica agitada. (FREUD, 1895] 2016, p. 21).

Em outros casos é evidente a conexão entre o sintoma e o motivo precipitador, como no exemplo acima; porém, em outros casos, a conexão não é simples. O sintoma guarda uma história, um percurso, do qual se pode encontrar inúmeros afetos recalçados, considerados como trauma psíquico. Esses afetos podem ser de pavor, vergonha, angústia, dor psíquica e dependem da sensibilidade da pessoa afetada. (FREUD, [1895] 2016).

Como observa o autor, o histórico sofre sobretudo de reminiscências” (FREUD, [1895] 2016, p. 25); isto é, o passado se mostra presente, ativo e atuante; lembranças de experiências traumáticas. Aquilo que aparecia no corpo, desvelou-se como palavras não ditas, amordaçadas, afetos que não tiveram acesso pela via simbólica. Tais sofrimentos físicos, como não eram escutados e compreendidos, atuavam no corpo, como mensageiros. Freud, inaugura assim, o lugar da histeria como um modo de sofrer, e valida a experiência do sofrimento psíquico, cujo lugar anterior era verificado no campo médico ou no campo moral.

Melo e Almeida (2020), pontuam que, o caso de Anna O. foi essencial para a descoberta da sexualidade infantil e do inconsciente. A expressão “cura pela fala”, foi usada por essa paciente, ao relatar o alívio que sentia durante as consultas. Aquilo que foi reprimido pelo inconsciente, devido a condições morais de uma cultura, associa-se à sexualidade, e passa a manifestar-se, com deformações, em sonhos, no esquecimento, atos falhos e chistes, ou então na formação de sintomas. O inconsciente tem, assim, uma lógica diferente do consciente, possui um caráter dinâmico, atemporal e ausente de contradições.

Essa obra possibilita a reflexão sobre a distinção de um corpo puramente biológico de um corpo pulsional, marcado por histórias, desejos, conflitos, linguagem, enfim, pulsões que manifestam a sexualidade humana. Segundo Assoun (1995), a pulsão (Trieb) é um conceito essencial para compreender a sexualidade; ela expressa a potência de excitação e o corpo todo participa como fonte dessa excitação. Para o campo da educação sexual, há a contribuição de que a sexualidade não se define por genitalidade.

## 2.2 Considerações sobre a teoria da sexualidade freudiana

3

Nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (FREUD, [1905] 2016), Freud descreve sobre a opinião popular acerca da temática da sexualidade e distancia-se dela, ao empreender o estudo psicanalítico dos casos e suas observações científicas. Além disso, introduz e nomeia o termo “libido”, para se referir a uma necessidade de satisfação sexual.

3 Caso descrito na obra “Estudos sobre a histeria” (FREUD, [1895] 2016); Freud utilizou diversas técnicas neste caso: método catártico, sugestão hipnótica, “técnica da pressão”. Insistiu para a paciente recordar-se do trauma, mas Emmy pediu para que ele a deixasse falar, sem interrupções desnecessárias.

No final do século XIX e início do século XX, a sociedade vienense tinha a noção de que a sexualidade iniciava com a puberdade, e se manifestava a partir da atração sexual entre homem e mulher; a sua meta, finalidade ou objetivo, seriam, assim, a união sexual e o conjunto de ações que direcionaram a esse fim. Contudo, Freud ([1905] 2016) observa que, a realidade mostra-se outra. Tanto as pessoas (objeto sexual) quanto suas ações (meta sexual), em suas investidas sexuais, expressam-se de modo variável.

No segundo ensaio, Freud ([1905] 2016) trata, especificamente, do tema da sexualidade infantil, ao qual nos interessa especialmente neste texto. A vida afetiva das crianças não era uma questão investigada. Além disso, Freud chama a atenção para o fenômeno da amnésia infantil, que faz com que a maioria dos adultos não se recordam dos primeiros anos da infância. Sobre o início da vida, Freud destaca:

[...] reagimos vivamente às impressões, souberam expressar dor e alegria de forma bem humana, demonstramos amor, ciúme e outras paixões que então nos agitavam fortemente, e, inclusive, falamos coisas que os adultos registraram como provas de inteligência e de incipiente capacidade de julgar. Por que nossa memória fica tão atrás, em relação a nossas outras atividades psíquicas? [...] as mesmas impressões que esquecemos deixaram, todavia, os mais profundos traços em nossa vida psíquica, e se tornaram determinantes para todo o nosso desenvolvimento posterior. (FREUD, [1905], 2016, p. 76).

Para Freud ([1905] 2016), há uma conexão entre a amnésia infantil e a amnésia histórica; tal ligação pode estar associada aos primórdios da vida sexual infantil, e que são afastadas da consciência na vida adulta. Desde o nascimento há manifestação sexual. Freud utiliza como modelo teórico e empírico, o ato de chuchar do bebê, cujo comportamento inicia-se com o propósito de conservação da vida e necessidade de alimentação, mas que, em seguida, avança na finalidade de buscar satisfação sexual. O autor alerta para a confusão que alguns pediatras da época poderiam supor do termo “sexual”, como se fosse “genital”, mas que não se trata disto.

O sexual advém da sensação de prazer, que é produzida a partir de todo o corpo; difere do comportamento erótico adulto, pois está em constituição e em condição de imaturidade sexual. Freud ([1905] 2016) descreve as principais zonas erógenas do desenvolvimento psicosexual (oral, anal, fálica), e de que modo a criança se apoia nelas para obter prazer; como exemplo, quando o bebê mama, o que ele recebe não é apenas alimento, mas também afeto e amparo; quando retêm as fezes obstinadamente, pode ter relação com afirmar o seu desejo e não do cuidador; contudo, toda a extensão da pele e dos sentidos estão suscetíveis a lidar com excitações e estímulos variados.

A concepção freudiana de sexualidade pressupõe uma “predisposição polimorficamente perversa” (FREUD, [1905] 2016, p. 98); isto é, a sexualidade vale-se de uma pluralidade de objetos possíveis para lidar com o prazer-desprazer das experiências. O corpo é pulsional e as características da vida sexual infantil, são essencialmente auto eróticas; apoiam-se em uma função vital do corpo; e a meta sexual é a satisfação de uma zona erógena. Essa satisfação “[...] deve ter sido vivenciada anteriormente, deixando assim a necessidade de ser repetida” (FREUD, [1905] 2016, p. 89), e a essa necessidade se atribui tanto a eliminação ou fuga de um desprazer, quanto à produção e à busca de prazer.

O exercício sexual na vida da criança, marca em seu corpo e na sua história, subjetivamente, um circuito pulsional complexo; os traços vividos na infância, como por exemplo, o cheiro do café feito por uma avó querida pela criança, pode ressoar na vida adulta, como uma lembrança de afeto. Ainda sobre a dimensão da sexualidade na constituição do psiquismo, as autoras complementam:

O fato de o bebê humano nasce desprovido de condições básicas de sobreviver por si mesmo, faz com que ele necessite de alguém que o acolha e que dele cuide. Esta prematuridade, que é de ordem estritamente biológica, exige um trabalho de cuidados realizados, geralmente, pela mãe, que acolhe o bebê oferecendo-lhe os instrumentos vitais que lhe faltam. A mãe atua favorecendo a constituição da dependência do bebê consigo. Nos três ensaios, Freud chamou de sedução este investimento inicial da mãe ao bebê. Portanto, esta ligação tem um conteúdo sexual e está imbricada na constituição do eu, uma vez que este eu vou se constituir com a presença desse outro. (Lazzarini; Viana, 2006).

Os processos afetivos podem ser observados na criança, em idade escolar, e estão associados à sexualidade, conforme Freud expõe:

[...] o medo de fazer uma prova, a tensão por uma tarefa de solução difícil pode ser significativa na irrupção de manifestações sexuais e na atitude em relação à escola, pois nessas circunstâncias surge frequentemente uma sensação de estímulo que leva a tocar os genitais [...]. O efeito sexualmente excitante

de vários afetos nada prazerosos em si, como angustiar-se, apavorar-se, estremecer, mantêm-se em grande número de indivíduos também na idade adulta, e provavelmente explica o fato de tantas pessoas buscarem oportunidades para sensações desse tipo, desde que determinadas circunstâncias (o pertencimento a um mundo imaginário, livros, teatro) amortecem a gravidade da sensação de desprazer.

Em suma, após breve explanação sobre o percurso da sexualidade freudiana, observa-se que o conceito está para além da dimensão biológica; compreende a dimensão psíquica e o modo como o sujeito se relaciona consigo próprio, com o outro e com o mundo. Chauí (1991), rompe com o biológico, ao afirmar que a sexualidade tem uma dimensão afetiva, e concorda com a teoria freudiana acerca da característica polimorfa da sexualidade e da simbolização do desejo.

### 3 ARTICULAÇÕES POSSÍVEIS NO CAMPO DA EDUCAÇÃO SEXUAL

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1997), estabelecidos pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), elaboraram a proposta de incluir no currículo escolar a Educação Sexual, como um tema transversal, para iniciar no Ensino Fundamental. Essa inclusão teve como estofa de ideias, o combate das doenças sexualmente transmissíveis e a redução da gravidez precoce. Contudo, a educação sexual nas escolas encontrou sérias resistências para ascender ao debate, seja porque, defensores contrários, afirmam ser responsabilidade exclusiva das famílias ou em decorrência da censura no regime militar (ROSENBERG, 1985), entre outros aspectos que empreendem repressão e controle sobre o tema.

Sobre a história da educação sexual no Brasil, menciona-se a legitimação da entrada dessa temática no sistema educacional e de garantia de direitos, a partir de um conjunto de mudanças sociais, com o marco da Constituição Federal de 1988, a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996, o Programa de Saúde na Escola (PSE), o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), e os PCNs, citados anteriormente (UNESCO, 2013), entre outros. Reconhece-se, apesar das restrições, ao longo da história, que a sexualidade não está dissociada do indivíduo; ou seja, acompanha a pessoa e está em todos os lugares, assim como também, na escola.

De lá para cá, pode-se observar que algumas ações foram realizadas no trato com a educação sexual no campo escolar; no entanto, há dificuldades persistentes com a temática. Como, por exemplo, a centralização da formação docente no viés biológico da sexualidade. Ou ainda, a dificuldade dos professores em desenvolver diálogos sobre sexualidade, bem como a afetividade no contato consigo próprio e com os alunos (FIGUEIRÓ, 2009).

Figueiró (2006) e Gagliotto (2014) defendem uma educação sexual emancipatória, a qual compreende a sexualidade integrada à vida, com todas as suas dimensões, manifestações e interações biológicas, psicológicas, afetivas, sociais, políticas, culturais etc. A proposta da educação sexual emancipatória, busca desenvolver a autonomia e a capacidade crítica dos sujeitos, acerca do saber do próprio corpo. Além disso, essa concepção de educação objetiva a transformação social do indivíduo, para que ele possa pensar e agir de modo reflexivo-crítico, livre de amarras, tabus, preconceitos e discriminações referentes à sexualidade.

Na contemporaneidade, a escola tem sido um lugar que emancipa? Araújo, Fernandes e Araújo (2021), partem de uma perspectiva crítica de emancipação e interrogam se a educação ainda pode emancipar, uma vez que há em curso o movimento de uma educação neoliberal; que se caracteriza por uma aprendizagem focada no utilitarismo e por um pedagogismo acrítico. Entre os movimentos de emancipação e retrocesso, há de se interrogar as saídas possíveis em direção a uma educação libertadora, mesmo que haja impasses complexos do modo como opera a lógica neoliberal.

5

Justamente pela denúncia dos sinais de retrocessos, pode-se seguir no interrogante nas e das práticas educacionais em sexualidade.

Veiga-Neto (1999), além de denunciar os perigos do discurso neoliberal, lança uma perspectiva da escola, tanto como mantenedora das práticas de controle, quanto indispensável pela potência de um espaço de resistência. Alerta para a necessária atenção aos novos agenciamentos políticos para a área educacional, quanto propõe um posicionamento ético e crítico, a fim de provocar um exercício de aproximação com uma educação emancipadora.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os tempos atuais, têm empreendido desafios à sociedade, à escola, à educação, e especificamente ao campo da educação sexual. Faz-se importante pensar quais são as relações entre a escola e a sociedade atual, e o que é possível realizar no campo da sexualidade na educação. E ainda, o que pode a psicanálise contribuir com os laços sociais e com os sujeitos desejanter? Seria possível aproximar a psicanálise de uma concepção emancipatória?

De acordo com Dockhorn e Macedo (2008), a cultura do narcisismo e a sociedade do espetáculo, são marcas do nosso tempo. As subjetividades contemporâneas estabelecem laços sociais efêmeros, acompanhados da aceleração dos modos de produção e de vida. A fim de buscar prazer imediato e preservar a ilusão da felicidade permanente, os indivíduos podem descartar rapidamente o outro, no primeiro sinal de ameaça de sofrimento. Ou, ainda, a fim de acelerar os processos de aprendizagem para fabricar sujeitos úteis à maquinaria neoliberal, mortificam as potências de vida. Essas últimas, estritamente associadas ao conceito de sexualidade debatidas ao longo deste texto.

A psicanálise caminha na contramão da cultura, bem como fez Freud em sua época; isso implica em constantes renovações teóricas e técnicas, que possibilite um movimento de abertura e de um fazer a posteriori. Em outras palavras, uma psicanálise que possa acompanhar as transformações na cultura, bem como, neste caso, também no campo educacional. Os seus conceitos fundamentais, como “pulsão”, “inconsciente” e “transferência”, continuam atuais para pensar nos avanços, retrocessos, alienações e resistências da educação em sexualidade.

Em suma, para além do conceito biológico e higienista da sexualidade, a psicanálise pode trilhar um caminho de ruptura com a cultura do narcisismo e do espetáculo. Nas intersubjetividades, a sexualidade pode ser refletida em termos de envolvimento afetivo e investimento libidinal no Eu e no outro, não somente no Eu; isto é, que as singularidades sejam respeitadas. Uma educação, como proposta, que abra espaço para a escuta, com a possibilidade de reconhecer o desejo e as diferenças dos sujeitos. Ainda, que o próprio sujeito possa reconhecer-se como ser desejante e implicado em seus processos de ensino-aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, J. Nascimento da sexualidade humana. In: FREUD, S. **Sexualidade**: três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre; tradução Carlos Pereira Thompson Flores. – Porto Alegre: Evangraf, 2016. p. 115-124.

ARAÚJO, A. F. FERNANDES, J. P. R. de M.; ARAÚJO, J. M. de. **A educação na contemporaneidade**: entre a emancipação e o retrocesso. Revista Brasileira de Educação, v. 26, 2021.

ASSOUN, P. L. **Metapsicologia freudiana**. Uma introdução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1995.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: 1997.

CHAUÍ, M. **Repressão sexual**: essa nossa (des)conhecida. São Paulo: Brasiliense, 1991.

DOCKHORN, C. N. B. F.; MACEDO, M. **A complexidade dos tempos atuais**: reflexões psicanalíticas. Revista Argumento Psicologia, v. 54, n. 26, p. 217-224, 2008. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/Psicologiaargumento/2008/vol26/no54/4.pdf>. Acesso em: 29/06/2021

6

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Formação de Educadores Sexuais**: adiar não é mais possível. – Campinas, SP: Mercado de Letras; Londrina, PR: Eduel, 2006.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Sexualidade e afetividade: implicações no processo de formação do educando. In **Educação sexual**: em busca de mudanças, p. 187, 2009.

FREUD, S. [1895]. **Estudos sobre a histeria (1893-1895)** em coautoria com Josef Breuer. Obras completas, volume 2. Tradução Laura Barreto; revisão da tradução Paulo César de Souza – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, S. [1905]. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“o caso**

Dora”) e outros textos. Obras completas, v. 6. Tradução Paulo César de Souza – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GAGLIOTTO, G. M. **A Educação Sexual na Escola e a Pedagogia da Infância**: Matrizes Institucionais, Disposições Culturais, Potencialidades e Perspectivas Emancipatórias. Jundiaí, Paco Editorial: 2014.

LAZZARINI, E. R.; VIANA, T. de C. O corpo em psicanálise. **Psicologia**: Teoria e Pesquisa, v. 22, n. 2, p. 241-249, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/bVjD4hvChNCWssn8jbd5pSM/?lang=pt>. Acesso em: 10 jun 2021.

MELO, J. R.; ALMEIDA, M. T. F. O surgimento da psicanálise: uma escuta do sintoma e da histeria. **Psicologia em Ênfase**, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 96-106, nov. 2020. Disponível em: <http://ojs.unialfa.com.br/index.php/psicologiaemenfase/article/view/87>. Acesso em: 14 jun 2021.

ROSENBERG, F. A educação sexual na escola. **Cadernos de Pesquisa**. N. 53, p. 11-19, mai. 1985. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/1372/1373>. Acesso em: 16 jun 2021.

UNESCO. **Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro**: tópicos e objetivos de aprendizagem. Brasília, 2013.

VEIGA-NETO, A. **Educação e governamentalidade neoliberal**: novos dispositivos, novas subjetividades, 1999. Disponível em: <http://www.lite.fe.unicamp.br/cursos/nt/ta5.13.htm>. Acesso em: 27/05/2021